

PROJETO PARA OS ÍNDIOS SURUÍ DO SORORÓ
MUNICÍPIO DE MARABÁ, PARÁ

Resumo

Pedido de um auxílio de G\$ 120.000,00 (cruzeiros) para a compra de quatro burros com cangalha para os índios Suruí do Sororó, Pará. O objetivo é melhorar as condições de trabalho para a coleta da "castanha do Pará", fonte de renda deste grupo indígena. Os Suruí do Sororó, são, como outros grupos indígenas da região produtores de castanha há mais de vinte anos. Vide Roberto Da Matta e Roque de Barros Laraia "Índios e Castanheiros" a empresa extrativa e os índios do médio Tocantins. Paz e Terra, Editora. Este auxílio permitiria aos índios um melhor controle sobre a sua própria produção.

Nos anos 40 os Suruí do Sororó, grupo indígena do tronco linguístico Tupi, encontravam-se em vias de extinção. Naquela época começaram a ser assistidos por um missionário dominicano, Frei Gil Gomes Leitão e para atendimento de saúde, vacinações e envio de remédios, pelo Dr. João Paulo Botelho Vieira da Escola Paulista de Medicina e que os visita a cada ano durante a época de férias. Os índios Suruí eram 47 na época do contato e hoje já se aproximam dos 80. Este grupo foi um dos mais atingidos pelo contato indiscriminado com a sociedade regional, sofrendo grande abalo demográfico e perda parcial de sua cultura. Em 1969, Frei Gil e o Dr. João Paulo, em pleno período de repressão política, tinham pelo menos condeguado a demarcação de uma área, bem que de tamanho reduzido, e que deixava fora dos limites sítios antigos e castanhais do patrimônio indígena, explorados e cobijados por fazendeiros vizinhos. Durante o episódio da guerrilha do Araguaia, estes índios localizados na área de operações militares intensas, sofreram o impacto direto e indireto dos acontecimentos, sendo o maior o impedimento sofrido pelo Frei Gil, de continuar trabalhando na área. As coisas iam de mal em pior quando finalmente a FUNAI mandou para a área um chefe de Posto de grande valor e coragem, Antonio Pereira Neto. Em 1975, uma aluna do curso de graduação, da Universidade de São Paulo, Iara Ferraz, através de Convenio Funai-USP e do Campus avançado em Marabá, desenvolveu um projeto entre os índios Gaviões com relação à comercialização da castanha. Realizou também uma proposta de nova demarcação de terras para os Suruí do Sororó. Este novo projeto apresentava dois aspectos importantes, um mapa realizado com os próprios índios e que Iara Ferraz tomou como base para a proposta de demarcação, e o conhecimento que Antonio Pereira Neto tinha das colocações exatas de castanhais e outros recursos explorados pelos índios. Finalmente a proposta foi aceita pela Funai, os fazendeiros se conformaram e o território foi demarcado.

Para os Suruí, já bastante aculturados, a comercialização da castanha é uma fonte de renda imprescindível. O problema dos Suruí é de uma infraestrutura adequada para a exploração dos castanhais em um período determinado sem prejuízo do trabalho das roças, e por outro lado a possibilidade de escoar o produto, tarefa muito difícil em época de chuva, pelo estado péssimo das estradas vicinais inundadas. Apesar destas dificuldades, o novo chefe de Posto da FUNAI, conseguiu este ano escoar toda a produção e junto com os índios vende-la a bom preço em Belém, enquanto que a organização interna da produção ficava a cargo dos índios. Sendo assim os Suruí me pediram, com urgência, e ainda para a safra de 80-81 a possibilidade de adquirir quatro burros com cangalha, o que equivale a um total de R\$120.000,00 (Cento e vinte mil cruzeiros).

Varias estradas, depois do período das guerrilhas foram abertas na região e os Suruí não vivem mais isolados. Por outro lado a população regional é pobre o que significa que não há pressões de grandes projetos agro-pecuários pressionando o território indígena. Pelo menos por enquanto. Os Suruí possuem um relacionamento mais ou menos simétrico com os habitantes da região, compartilhando porém de uma pobreza generalizada. Abrem roças tradicionais, plantam arroz, possuem arvores frutíferas. A caça se tornou escassa assim como a pesca. Em 1975 o Dr João Paulo comprou varias cabeças de gado e atualmente os Suruí tem pasto e bebem leite. Também recebem uma pequena ajuda mensal para compra de cartuchos de nosso Comite de Ajuda aos Índios do Pará. Com este pedido de auxilio não se trata, é claro, de nenhum projeto de maiores consequencias. Trata-se, porém, de algo muito importante para os proprios índios e a pedido deles mesmos. Geralmente estes auxilios menores tem estimulado os índios no desempenho de suas tarefas cotidianas assim como os funcionários da FUNAI na região que também sentem maior apoio no desempenho de suas tarefas. Esperamos no futuro realizar, ou que outros realizem, junto com os índios, um projeto maior e mais integrado. Por enquanto é melhor ajudar na parte da saude e com aquilo que os índios acham que precisam e podem controlar. Mais importante ainda é lutar pela demarcação e garantia das terras, assim como pela recuperação da auto-confiança pelos grupos indígenas. Grandes projetos são sem efeito prático na conjuntura atual. A FUNAI interfere e entrava o processo, alienando índios e indigenistas dos objetivos reais.

Luiz B. VIDA

Cópia mandada à Comissão Povos Índios S/P. CEDI e Dr. João Paulo Botelho.

Caso saiam os recursos, avisar Dr. João Paulo.